

A TEORIA DO SIMBÓLICO DE LÉVI-STRAUSS: UMA BREVE ABORDAGEM

NEVES, Amanda Martins da Silva*

ARAÚJO, Wli Silva**

Resumo: O presente artigo propõe uma análise sobre a religião dando ênfase ao conceito de totemismo, uma categoria que marcou as relações de tradição antropológica com a questão do religioso. Para isso, será analisado o texto selecionado extraído do livro 'Os antropólogos e a religião', com base teórica em André Mary. O qual Lévi Strauss dedica-se ao tema: A morte do Deus totêmico e o nascimento do simbólico. A partir dessa análise, busca-se apontar não só a religião em relação a Levi-Strauss, mas também as implicações teóricas e metodológicas daí advindas.

Palavras-chave: Lévi-Strauss; Totemismo; Antropologia

Introdução

Claúde Lévi Strauss um dos grandes pensadores do século XX, que de início, cursou leis e filosofia, mas descobriu na etnologia sua verdadeira paixão. No Brasil, lecionou sociologia na recém fundada Universidade de São Paulo, de 1935 a 1939, e fez várias expedições ao Brasil central. É considerado um dos principais nomes do estruturalismo, uma corrente científica que analisa todos os sistemas culturais como laços de parentesco ou sistema de mitos. Suas principais obras foram, Tristes Trópicos, Antropologia Estrutural, O pensamento Selvagem, O totemismo hoje, dentre outras.

No início do século XX, muitos autores se propuseram a estudar o totemismo, como uma das vias de explicação da origem das

* Egressa do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (UACIS/CDSA/UFCG). E-mail: amanda-neves-sb@hotmail.com.

** Egressa do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (UACIS/CDSA/UFCG). E-mail: lalinha26araujo@gmail.com.

estruturas sociais e psicológicas da humanidade. O Totemismo é um conjunto de ideias e práticas baseadas na crença da existência de um parentesco místico entre seres humanos e objetos naturais, como animais e plantas. A mais primitiva das religiões, com a ideia de totem, maná e tabu, subordina um grupo de homens chamado clã aos seres considerados sagrados. De início os antropólogos restringiram a designação totemismo à associação de um grupo de pessoas com o objeto totem. O totem refere-se a tudo o que os membros de um clã julgam sagrados.

Na obra “Os antropólogos e a religião” aborda a questão do religioso ou a religiosidade dos antropólogos, o tema o qual Lévi-Strauss analisa uma religiosidade relegada à periferia do mecanismo ritual ou do sistema simbólico. Ele introduz uma nova abordagem sobre o totemismo numa época em que poucos estudiosos o fariam. De acordo com Mary (2015, p.94), na obra o Totemismo Hoje (1960) de Lévi-Strauss, o que “está em jogo é a desconstrução de um objeto particular e empoeirado”. Para Lévi-Strauss, o totemismo não passa de uma expressão simbólica, que permite ao indivíduo um melhor entendimento da realidade social e da diferenciação de clãs e papéis. Conforme Mary (2015, p.94), entre os anos de 1910 a 1960, há, portanto, duas histórias numa só: a primeira baseia-se na a da “desagregação” do sistema totêmico, anunciada por *Goldenweiser*, e a segunda da emergência e da formação de um novo objeto solidário de uma outra decupagem dos fenômenos reagrupados arbitrariamente sob a categoria do totemismo.

O autor ressalta que para Lévi-Strauss os estudos sobre totemismo e a histeria participavam de uma mesma ação. Atribuindo à natureza questões sociais e de cultura, sujeita a uma aproximação que seria perigosa aqueles de nossas sociedades. Diante disso apresenta “O totemismo (como forma de identificação ou de indistinção do ser humano e das espécies animais testemunhados pela crença num vínculo de

filiação ou pela prática do sacrifício) e a histeria (como ressurgimento do exagero de uma mulher na natureza, matricial) ” (MARY, 2015, p.95).

Para se compreender as ideias de Lévi-Strauss acerca do totemismo, considero relevante apresentar, mesmo que brevemente, algumas das noções sobre o totemismo presentes nas obras de Durkheim, com quem Lévi-Strauss dialoga constantemente. Para Durkheim, o totemismo seria a forma mais elementar da vida religiosa, por ser a mais simples. Assim para provar sua hipótese o autor utiliza dados etnográficos de sociedades australianas, onde o totemismo é, por sua vez, uma coisa eminentemente social, do religioso em geral, sendo o mesmo considerado um vasto sistema de “coisas sagradas”. Como base nos estudos de Mary, para Durkheim a religião totêmica funda-se em três coisas sagradas:

O emblema totêmico, o animal ou planta totêmicos e o clã totêmico. Esse último é um tipo de agrupamento que resulta da comunidade de nome e não da filiação ou da partilha de um mesmo território. As coisas que servem de totens são em geral espécies animais e vegetais, mas podem também ser escolhidas entre as coisas inanimadas, as partes do corpo de um animal ou de um objeto material, mais ou menos identificados com figuras ancestrais” (MARY, 2015, p.99).

Assim sendo para Durkheim, o totem não seria apenas um nome, mas, antes de tudo um emblema. Ou seja, ele conclui que as imagens são mais sagradas do que o próprio ser totêmico, porque o simulam e estão repletos de força social. Em suma, o princípio totêmico comum a essas três coisas não pode se encontrar, segundo ele, a não ser na quarta “coisa”:

Uma força que transcende não apenas a essas três coisas, mas todas as formas de individuação nas quais ela se encarna (objetos, seres, espíritos, deuses) e até mesmo todas as determinações correntes: física/moral, material/espiritual, boa/má. Essa matéria-prima da

religiosidade, essa força informe e impessoal é o famoso “mana totêmico” (MARY, 2015, p.100).

O termo “mana” designa uma força, material e espiritual, comum aos seres e coisas sagrados. Nessa perspectiva, percebe-se uma distinção entre Lévi-Strauss e Durkheim que idealizava um sistema que classificava o totemismo pela via do mundo social ao mundo lógico, ou seja, as coisas só se tornariam lógicas porque seriam, antes, sociais e coletivas. Em Lévi-Strauss, a aptidão lógica é humana e não residiria no social. Nesse contexto “o Deus e a sociedade fazem um só”. Já Durkheim utiliza dois argumentos explicativos:

O primeiro argumento se apoia no reconhecimento efetivo do caráter altamente sagrado do símbolo e inverte a coisa concluindo: ‘Se, pois, ele é ao mesmo tempo o símbolo do Deus e a sociedade fazem um só?’ (ibid.,p.295). O segundo argumento põe a funcionar a aplicação do conceito construído do sagrado e de seus critérios (exterioridade, superioridade, dependência) para fundar a aproximação analógica das atitudes e a identificação entre a força do totem e a força social do clã (MARY, 2015, p.101).

No entanto, segundo os estudos de Mary, Lévi-Strauss critica bastante a obra de Durkheim do totemismo em que no livro ‘*O totemismo hoje*’ divide-se em dois tipos: sendo o primeiro tipo baseado no Prefácio a obra de Mauss (1950). E o segundo tipo existe a circularidade essencial a uma explicação em termos de gênese, o que Lévi-Strauss chama “petição de princípio”. Entende-se que essa petição de princípio é sem apelo; a pessoa admite como premissa (aqui o contexto cerimonial social) o que resulta da ideia religiosa a explicar (2015, p.101).

Em síntese, Mary cita um diálogo entre Lévi-Strauss e Durkheim expõe dois modos de pensar:

De um lado, um modelo de explicação fundado na gênese das coisas (que encontra-se no conceito “genético” de *habitus* em Bourdieu) que comporta sempre alguma

concessão a um pensamento circular ou simplesmente dialético (o social gera o sagrado que, ele mesmo participa na elaboração do social); e de outro lado, um pensamento estrutural analítico que não vê nessa circularidade senão uma petição de princípio” (MARY, 2015, p.108).

Em seguida o autor destaca a discussão sobre a noção de mana, um significante zero. Essa análise sobre a noção de mana é desenvolvida por Lévi-Strauss através da introdução da obra de Marcel Mauss. O mana possui uma força, um poder incondicional que transcende todas as decisões, tanto espiritual e material, como psíquico e físico, bom e mau. Que tem como exemplo o modelo de Durkheim, como no plano ritual, da troca de sexo indiferenciada, as cenas de consagração coletiva e que toma sentido porque o cotidiano da ordem social é a separação dos casais. Lévi-Strauss em contradição com o pensamento de Durkheim diz que, a noção de mana não faz mais do que explicar uma dúvida e uma ambivalência, encontradas no centro de todas as categorias indígenas. No que Lévi-Strauss diz sobre as teorias linguísticas e aos conceitos de “significante zero” ou de “significante flutuante”, toma-se com referência a Jakobson (noção de fenômeno zero, sem valor diferencial ou fonético constante) (MARY, 2015, p.110).

Também é discutido na obra, sobre o “Sistema totêmico e sistema religioso”, em que Lévi-Strauss é contra a tese do totemismo como religião. Em seu livro o *‘Totemismo hoje’*, a ilusão totêmica decorre na verdade em dois tempos para revelar-se que nesses debates sobre o totemismo: foram arbitrariamente dissociados fenômenos que dependeriam do “mesmo tipo”, e ao inverso, foram confundidos de “tipo diferente”. Porém o problema apontado por Lévi-Strauss não era definir o que é totemismo em si, mas todos os tipos de relações possíveis para fazer da melhor forma a diferença.

Colocando em destaque o que o autor fala sobre o erro de Lévi-Strauss, em querer compreender o sistema totêmico da mesma forma de Durkheim, como um acréscimo de relações de identificação

construídas isolada e separadamente entre cada grupo e cada totem, consistir em, compreender um todo somando partes. Além disso, compreende-lo não são como um sistema de relações entre os termos, mas, também de relações entre relações. Quando Lévi-Strauss fala em “átomo totêmico” ele se fundamenta em “uma homologia entre os desvios diferenciais que existem, de um lado entre a espécie x e a espécie y, do outro lado entre o clã A e o clã B”. Ele vai explicar que o que vem primeiro nesse sistema é a diferenciação, logo depois a similitude das diferenças, ou seja, a “homologia dos desvios”.

Partindo da tese sobre o “totemismo”, um outro sistema de relações contrário é surgido, o que é identificado nitidamente como “religião”. São dois sistemas diferentes e que são colocados em evidência. E cujas confusões e entrecruzamentos serão explanados de modo claro, na tabela a seguir.

Quadro 1: Análise comparativa do sistema totêmico e do sistema religioso

Totemismo	Religião
Um sistema de denominação coletiva tomado de empréstimo às espécies animais ou vegetais.	Um sistema de crenças e de práticas relativo aos espíritos, ancestrais ou deuses.
Esquema fundamental: a homologia- As relações de equivalência.	Esquema fundamental: A genealogia- As relações de ordem.
O sistema das denominações totêmicas é regido por um princípio de equivalência: as espécies x é para a espécie y o que o grupo a é para b.	O sistema religioso institui relações hierarquizadas entre os deuses, os espíritos e os humanos e uma escala de grau entre os seres.
O sistema de denominação esta fundado em relação de	Crença segundo a qual um indivíduo ou um grupo particular

diferenciação independentes entre uma pluralidade de grupos e de espécies.	mantém uma relação de eleição exclusivamente com um espírito ou um deus que o protege.
A relação entre os grupos e os totens é “dissimulada”, mediada, indireta (metafórica), ligada a estrutura.	A relação entre os deuses ancestrais, os animais nos quais eles se encarnam e os humanos é contígua (metonímia) ligada ao acontecimento.
As proibições alimentares visam “marcar” relação com uma espécie e funcionam para o grupo como uma “conduta diferencial”.	Os interditos ou rituais dependem de prescrições feitas a um indivíduo ou um grupo por um espírito ou deus ancestral instaurando uma relação de aliança.

Fonte: (MARY,2015, p.115)

O conceito de “esquema”, é o que está exemplificado da tabela acima, é uma herança da filosofia kantiana, onde Lévi-Strauss vai usar para diferenciar os sistemas de relações. Em seguida é analisada uma grande distinção entre totemismo e religião. A religião consistir em ser composta por relações metonímicas e o totemismo por relações metafóricas. O que quer dizer que a metonímia corresponderia mais à ordem do acontecimento e a metáfora, à ordem da estrutura. Logo Lévi-Strauss, não hesita em qualificar a relação “religiosa”, reservando a dimensão “simbólica” às relações totêmicas, como se não fossem figuras de simbolização, metonímia e metáfora.

O autor destaca a expressão ‘*Os símbolos dão a pensar*’, representando assim a teoria durkheimiana do emblematismo, que também apresenta uma contribuição à teoria do simbolismo. Durkheim em seu relato da gênese do totemismo, relança a ideia dessa ou daquela espécie como emblema totêmico. Já Lévi-Strauss, evidencia essa questão

analisando que as explicações pelo “arbitrário do signo” são contrárias aos dados empíricos, como as explicações utilitárias.

Considerações finais

Percebe-se nesse estudo a importância da contribuição tanto de Lévi-Strauss como as de Durkheim, acerca do totemismo. Fazendo com que possamos trazer uma reflexão concreta e objetiva a respeito do surgimento dos símbolos a partir das representações coletivas do social, e rituais função de unir o indivíduo com a sociedade, como também a forma pela qual as estruturas da sociedade são exemplificadas pelos mitos e símbolos. E, dessa forma, pode-se dizer que cada uma das teorias acerca do totemismo trouxe, para o seu período, novos subsídios sobre o tema, bem como contribuiu para a própria consolidação da Antropologia enquanto ciência. Portanto a partir deste artigo, pode-se levantar reflexões e discussões, possibilitando que se faça uma análise mais profunda e suscitar futuros estudos sobre a obra.

Referências

MARY, André. **Os antropólogos e a religião**. São Paulo-SP: Ideias & Letras, 2015.

Disponível em:

<http://educacao.uol.com.br/biografias/claude-levi-strauss.htm>>acesso em: 15 out.2016

<http://ensinoreligioso-serafimjonas.blogspot.com.br/2010/04/totemismo-conjunto-de-ideias-e-praticas.html>>acesso em: 17 out.2016

<http://www.ceismael.com.br/artigo/papel-da-religiao.htm>>acesso em: 15 out.2016